

FILHAS DE HATHOR: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO FEMININA EM ÓSTRACOS DA DEIR EL MEDINA RAMESSIDA

DAUGHTERS OF HATHOR: AN ANALYSIS OF FEMALE REPRESENTATION IN DEIR EL MEDINA'S RAMESSIDE OSTRACA

Flavia Lima Corpas³³

Artigo recebido em 25 de abril de 2022

Artigo aceito em 23 de maio de 2022

Resumo

Durante o Reino Novo, Deir el Medina serviu como lar de múltiplos artesãos empregados na construção do Vale dos Reis. Estes trabalhadores, juntamente com suas famílias ajudaram a criar o que foi uma comunidade que posteriormente contaria com substancial importância para um maior alcance do entendimento acerca da vida no antigo Egito. Esta pesquisa buscará caracterizar e dar protagonismo às mulheres que vivam na vila, além de discutir suas principais atividades laborais e ocupações. Para isso, serão analisados óstracos do período ramessida encontrados no sítio arqueológico do local.

Palavras-chave: Mulheres, Egito, Iconografia.

Abstract

During the New Kingdom, Deir el Medina served as home to multiple artisans employed in the construction of the Valley of the Kings. These workers, along with their families, helped to create a community that would later have substantial importance for a greater understanding of life in ancient Egypt. This research will seek to characterize and give prominence to women who lived in the village, in addition to discussing their main work activities and occupations. For this, ostraca from the Ramesside period, found in the archaeological site will be analyzed.

Keywords: Women, Egypt, Iconography.

³³ Pós-graduanda em História Antiga e Medieval pelo Instituto Tecnológico e Educacional de Curitiba, ITECNE. E-mail para contato: flavia.corpas@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5968-3155. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3306979938277728>

Introdução

Utilizando como suporte peças de cerâmica ou fragmentos de calcário conhecidos como óstracos, os artesãos da cidade de Deir el Medina reproduziam os mais variados tipos de documentos. Entre recibos de compra e venda, poemas, cartas, listas de lavanderia, assuntos jurídicos e a mais sortida gama de fragmentos literários, estas evidências possibilitaram maior compreensão acerca da vida na cidade. Contudo, uma grande parcela destas peças, de cunho não-literário, conta com gravuras que variam desde material de estudo para aprendizes de desenhistas até puro e simples símbolo do ato de desenhar a fim de retratar o cotidiano. Tais objetos assim como os textuais também contribuem para um maior entendimento no que concerne à vida no passado.

O presente artigo inspira-se na pesquisa da egiptóloga Joanne Backhouse, que em sua obra *Scènes de Gynécées - Figured Ostraca from New Kingdom Egypt: Iconography and Intent* analisa um apanhado de 74 gravuras presentes em óstracos do Reino Novo³⁴, sendo 59 delas provenientes do sítio arqueológico de Deir el Medina. Destaca-se a relevância do fato de que os itens estudados por Backhouse contam exclusivamente com o aspecto do protagonismo feminino: as mulheres são retratadas como principais elementos nas cenas e homens ocasionalmente aparecem na condição de servos. Embora detenham de preponderante presença feminina no que diz respeito às formas reproduzidas, as *Scènes de Gynécées*³⁵, objeto da pesquisa de Backhouse, relacionam-se em sua maioria com indivíduos de classes sociais dominantes, que exerciam papéis de destaque no

³⁴ 1550 – 1069 AEC.

³⁵ "Cenas do Gineceu" em português. Referência ao cômodo denominado desta forma pelos antigos gregos. O gineceu possui a característica de ser um ambiente exclusivo para mulheres.

âmbito doméstico. Desta forma, esta categoria não engloba uma considerável parcela de mulheres que não se encaixavam neste arquétipo, como por exemplo as dançarinas, acrobatas e musicistas amplamente representadas na arte deste período. Neste artigo propõe-se uma contextualização acerca da vida na cidade de Deir el Medina, atendo-se ao papel da mulher egípcia que vivia naquele local, utilizando como base gravuras representadas em óstracos do período ramessida sendo tal fase definida por Nielsen como “a época geralmente datada entre as dinastias XIX e XX, terminando com Ramsés XI no final do segundo milênio AEC, que representa um ponto alto da construção, política externa e cultura material egípcias” (NIELSEN, 2019). A análise proposta visa uma discussão sobre os tipos de personagens femininas que viviam na vila durante o período indicado e quais papéis sociais eram desempenhados por elas.

Deir el Medina: um panorama arqueológico e social

Set Maat, ou *O Lugar da Verdade*, era na antiguidade o nome da vila atualmente conhecida como Deir el Medina. Traduzindo seu atual nome árabe para o português temos o *mosteiro da cidade*, chamada assim graças a presença de uma construção outrora utilizada como um templo de culto à deusa Hathor e mais tarde convertida em um monastério copta. Próxima à Luxor, mas situada na margem oposta do rio Nilo, a vila se encontrava a uma curta distância de Tebas, capital administrativa durante o Reino Novo. Da grandiosa Tebas, tudo que restou atualmente são em maioria templos e tumbas feitos em pedra. As casas e demais prédios que comumente eram construídos de tijolos de barro, foram destruídos a cada cheia do rio e quase tudo referente ao cotidiano das pessoas que viviam ali também se perdeu (MCDOWELL, 1999, p. 3). Em Deir el Medina, o cenário é diferente: por estar localizada

a uma distância segura das cheias fluviais, seus alojamentos mantiveram-se preservados mesmo após a partida de seus habitantes no fim do Reino Novo. Desta forma, casas, ruas, muros e uma extensa quantidade de material arqueológico permitiram que os egiptólogos pudessem reescrever o dia a dia das pessoas que ali viveram.

A cidade de *Set Maat* era extremamente bem-organizada e seus moradores consistiam nos trabalhadores responsáveis pela construção das tumbas do Vale dos Reis e do Vale das Rainhas que se mudaram para lá acompanhados, quando era o caso, de seus familiares. Estes funcionários eram divididos em dois grupos e cada grupo contava com um trabalhador-chefe, ou oficial. Com exceção dos oficiais, todos recebiam o mesmo salário e possuíam as mesmas condições de moradia, embora as funções desempenhadas pudessem ser variadas (MCDOWELL, 1999, p. 5). Entre cortadores de pedras, desenhistas, escultores, guardas, porteiros, escribas etc. o número de trabalhadores variou ao longo do tempo. Durante o reinado de Ramsés II, por exemplo, havia ao todo 48 funcionários designados para os ofícios de construção, na época de Ramsés III, 40 homens, e durante o reinado de Ramsés IV 120 homens (BRIERBIER, 1982, p. 27). Insumos diários como alimentos, bebidas, água e até mesmo o serviço de lavanderia eram fornecidos pelo Estado e a cidade era constantemente abastecida com todos os itens que porventura fossem necessários. As semanas laborais eram divididas em 10 dias de trabalho e 10 dias de descanso. Durante os períodos de folga, era possível que os funcionários realizassem as mais variadas atividades, incluindo sair da cidade e visitar suas próprias terras, se fosse o caso, trabalhar na construção de sua própria tumba ou descansar e se entreter da forma que bem entendessem.

Embora esta pesquisa trate a respeito das práticas rotineiras das pessoas vivas que habitavam a vila de trabalhadores, é impossível discorrer sobre a sociedade egípcia sem mencionar sua profunda conexão com a convicção da existência de uma perpetuação além-túmulo. Para Meskell, os egípcios concebiam os conceitos de vida e morte como processos cíclicos, titulares em ambivalência (MESKELL, 2004, p. 178). Desta forma, o exercício das atividades cotidianas e a vida dos antigos egípcios fundiam-se frequentemente com a perspectiva de continuidade deste percurso rumo ao próximo mundo, logo após o estado transitório da morte. Tal fato pode ser observado com facilidade em Deir el Medina através de cartas deixadas pelos vivos nas tumbas de seus familiares mortos. Nestas cartas, pedidos e conselhos eram solicitados com grande certeza de que a interação entre estas duas realidades seria, de fato possível. Em um exemplo, um homem chamado Butehamun, escreve à sua esposa falecida, Ikhtay:

Se alguém pode me ouvir
(no) lugar onde você está,
diga aos Senhores da Eternidade,
"Deixe (eu) fazer uma petição pelo meu irmão",
para que eu possa fazer [...] em [seus] corações,
sejam eles grandes ou pequenos.
É você quem vai falar com um bom discurso na
necrópole.
Na verdade, eu não cometi uma abominação contra
você enquanto você estava na terra,
e eu mantenho meu comportamento.
Jure por deus de todas as maneiras,
dizendo "O que eu disse será feito!"
Eu não vou me opor à sua vontade em qualquer
declaração até eu chegar até você.
[Que você aja] por mim (em) todas as boas maneiras,
se alguém pode ouvir. (MESKELL, 2004, p. 181)

Percebe-se que o homem acredita que a mulher, a qual chama de irmã (em uma forma de tratamento comum entre os antigos egípcios) está mais próxima dos deuses do que ele, portanto pede sua interseção para algum contratempo enfrentado. Tal fato indica a

permanência dos valores e laços familiares inclusive sob um contexto sobrenatural.

As mulheres na cidade dos artesãos: ocupações e destaque

No que diz respeito à sociedade egípcia sob um panorama geral, grande parte dos documentos dos quais temos acesso foram produzidos por mãos masculinas em uma população onde os homens possuíam maior destaque social. Embora o papel feminino tenha sido por vezes ignorado ou simplificado, no geral as mulheres egípcias podiam se divorciar, possuir e herdar terras e negócios e conduzir a si próprias conforme desejado (FERREIRA, 2004, p. 95). Registros de Deir el Medina confirmam este fato. Numerosos são os relatos oficiais de mulheres buscando seus direitos, como por exemplo o caso em que uma mãe chamada Naunakhte que por volta do ano 1114 AEC requeria a possibilidade de deserdar três de seus oito filhos por se sentir desprezada por eles (CERNÝ, 1945, p. 29-53). Desta forma, mulheres e homens detinham de voz e prerrogativas. Apesar de compartilharem da mesma liberdade perante a lei, no dia a dia da vila, os papéis de cada gênero eram diferenciados. Enquanto grande parte dos homens ocupava-se dos trabalhos de construção e acabamento nas obras reais, suas esposas cuidavam do lar e dos filhos. Este era o principal ofício da dona de casa (ou *senhora da casa*) de Deir el Medina.

Cerný (1973) identificou em listas de pagamentos do período ramessida um grupo de mulheres apontadas como Hmt (*hemet* ou *escrava* em português). Seus salários eram consideravelmente mais baixos que os dos trabalhadores comuns e estas mulheres possivelmente eram casadas com homens escravizados que trabalhavam para outros setores da administração. Cada escravizada era designada a um dos dois grupos de trabalhadores. Embora não haja registros que

mencionem diretamente o trabalho realizado por estas mulheres, acredita-se que sua principal atividade era produzir farinha através dos grãos de milho que chegavam à cidade, além de atender às necessidades rotineiras nas casas dos artesãos. Apesar de trabalharem diariamente em tarefas que atendiam à população, elas não eram propriedade de nenhuma família, mas do próprio Faraó e respondiam diretamente aos chefes de construção. Ao final da XX dinastia, ao longo dos reinados de Ramsés IX e Ramsés XI, referências a respeito de tais trabalhadoras deixam de existir, dando lugar à palavra *serva*, o que dificultou o entendimento dos textos, visto que o termo *servo* também era aplicado quando pessoas livres se dirigiam àqueles de cargos mais elevados de uma forma respeitosa (CERNÝ, 1973, p. 177-181). Isto acontece por exemplo do depoimento de Naunakhte, que ao apresentar seus filhos perante a corte diz: “Quanto a mim, sou uma mulher livre da terra do Faraó. Trouxe aqui estes oito servos seus” (CERNÝ, 1945, p. 32).

No âmbito espiritual e intelectual, as fontes mencionam consideráveis vezes a atuação da *t3 rḫt* (*ta rekhet* ou *a mulher sábia*, em português). Estes registros aparecem em diferentes óstracos do Reino Novo e não contam com equivalentes do sexo masculino realizando o mesmo tipo de atividade. A *ta rekhet* seria capaz de diagnosticar doenças, prever o futuro e identificar quais deuses poderiam ocasionar infortúnios. Seus atendimentos eram destinados tanto ao público feminino quanto ao masculino e não havia mais de uma *ta rekhet* atuando por vez (GRAVES-BROWN, 2010, p. 80), contudo ao longo da história da cidade várias foram as mulheres que ocuparam esta posição. A partir deste exemplo nota-se a atuação da mulher em um contexto místico e de certa forma erudito, ao passo que era ela que fornecia consultas aos demais moradores necessitados dos mais variados tipos de amparo. Outro campo de atividade exercido pelas

mulheres em Deir el Medina relaciona-se ao âmbito do entretenimento que será discutido posteriormente ao longo do texto. Dançarinas, musicistas, acrobatas itinerantes e prostitutas ajudavam a compor a massa feminina da cidade que até hoje é vista por muitos pesquisadores como uma vila de hábitos livres.

As senhoras da casa através das Scènes de Gynécées: retratos do cotidiano

A pesquisadora francesa Jeanne Vandier D'Abbadie (1937), ao catalogar o acervo de óstracos do Instituto Francês de Arqueologia Oriental (IFAO) definiu a categoria conhecida por *Scènes de Gynécées*. Estão imagens que contam com reproduções de figuras do sexo feminino inseridas em um contexto doméstico. As personagens ilustradas são muitas vezes acompanhadas de crianças e eventualmente retratadas em ambientes externos. Antes do exercício da análise destes sujeitos em particular, é pertinente a apresentação dos principais atributos acerca do espaço domiciliar familiar em Deir el Medina.

As casas na cidade variavam consideravelmente em tamanho e *layout*, tanto pela forma com que a vila se desenvolveu, quanto pelas das modificações realizadas por seus ocupantes para atender suas necessidades conforme necessário. Contudo, as características básicas de construção mantinham-se semelhantes (MCDOWELL, 1999, p. 11).

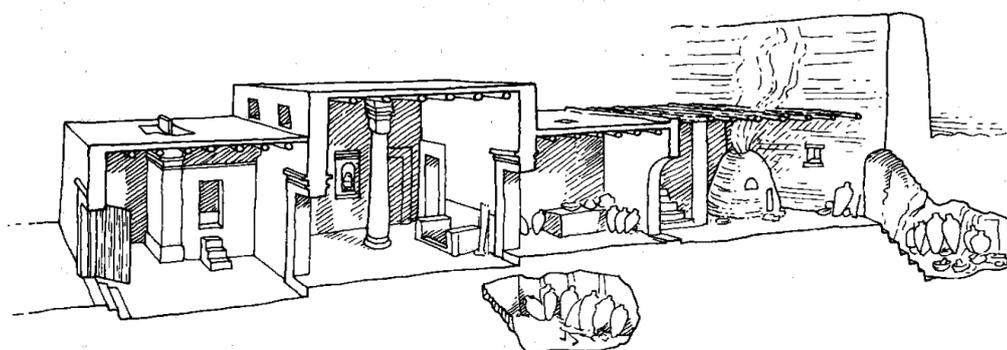


Figura 1- Habitação típica da vila de Deir el Medina (MCDOWELL, 1999, p. 10)

No geral, as habitações da cidade possuíam 4 ou 5 cômodos, sendo os dois mais próximos à entrada da residência maiores em metragem, enquanto os demais eram construídos em menores proporções. O primeiro cômodo mantinha-se entre 40 e 50 centímetros abaixo do nível da rua e contava com uma estrutura de pedra semelhante a um altar cuja finalidade é amplamente discutida pelos acadêmicos, embora no geral a descoberta de fragmentos de estátuas e mesas de oferendas próximas à estrutura, indique práticas de adoração e culto religioso. O segundo aposento, construído no nível da rua, geralmente era o maior da casa e contava com ao menos uma coluna, altares, nichos e assentos. As últimas dependências não eram decoradas e muito provavelmente eram utilizadas como depósito e local para preparo de refeições respectivamente (BACKHOUSE, 2020, p. 4). A respeito da finalidade de cada cômodo há grande especulação, tendo Meskell sugerido que os espaços poderiam ter sido utilizados havendo uma divisão de gêneros, além de propor que a casa tenha sido planejada para atender diferentes atividades, desde as mais ritualísticas, abrangendo os cômodos na frente da casa, às mais íntimas, como processamento de alimentos, nos fundos da residência. Sendo assim, o primeiro aposento da casa seria um espaço dedicado às mulheres, centrado nas esposas e mães (MESKELL, 1998, p. 219). Com base nesta teoria, a partir deste ponto serão analisadas as representações das *senhoras da casa*: personagens da elite que preenchem os espaços íntimos designados à ocupação feminina. Estas imagens, não se fazem presentes no repertório formal da arte egípcia, e não são representadas em tumbas, templos nem estelas (BACKHOUSE, 2020, p. IX), contudo os principais padrões egípcios de pintura foram empregados na criação das cenas e associações com temáticas

comuns às constuições funerárias do Reino Novo são facilmente identificáveis.

Atualmente as *Scènes de Gynécées* conservam-se nos acervos do IFAO, do Museu do Louvre, do *Medelhavsmuseet*, do *UCL Petrie Museum*, do Museu Egípcio de Turim e do Museu Britânico, além de coleções particulares. Todos os óstracos com procedência conhecida foram escavados em Deir el Medina e datam do período ramessida. Com apenas uma exceção, as *Scènes de Gynécées* não possuem inscrições textuais, possivelmente devido à natureza de sua audiência (BACKHOUSE, 2020, p. 64). Isto é, sendo direcionadas ao grupo majoritariamente iletrado, como era o caso das mulheres egípcias comuns que não eram formalmente ensinadas a ler e a escrever, não havia necessidade de conteúdo literário. Dentro desta categoria destacam-se três subgrupos definidos por Backhouse como: *mulheres em camas*; *camas elaboradas* e *cejas de quiosque*. Óstracos que não se encaixam em nenhuma destas classes por estarem em condições que dificultem seu entendimento são identificados apenas como *fragmentos*.

As cenas de *mulheres em camas*, contam com representações de corpos femininos completos ou parciais deitados ou sentados sobre um leito, como é o caso do exemplo presente na Figura 2.

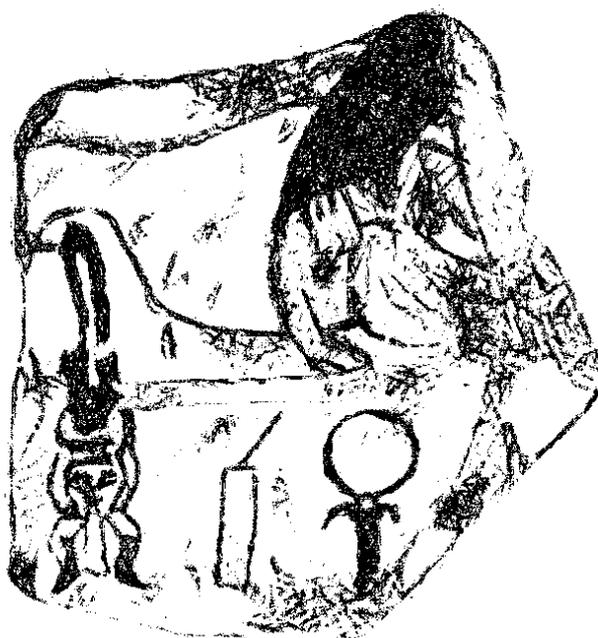


Figura 2 – Mulher em cama - Reino Novo - IFAO VA 2353
Ilustrado pela autora

Nota-se a imagem de uma mulher sentada sobre uma cama simples. Ela utiliza uma peruca comprida e suas vestes são longas e drapeadas, mantendo os ombros cobertos conforme a moda vigente no Reino Novo. Este modelo de indumentária pode ser facilmente identificado em pinturas presentes nas tumbas reais e aparece com frequência nas *Scènes de Gynécées*. É sabido que as mulheres nobres deste período utilizavam os mesmos modelos de vestidos que as rainhas, embora produzidos em materiais menos sofisticados (WATSON, 1987, p. 25). Backhouse sugere que indivíduos trajando roupas semelhantes em diferentes cenas de óstracos, podem significar posições sociais equivalentes. A autora complementa afirmando que o uso de vestes requintadas dentro de um contexto doméstico possa indicar o registro de alguma festividade caseira (BACKHOUSE, 2020, p. 64). A cena também conta com elementos de uso cotidiano como um frasco de kohl, para os olhos e um espelho de mão. Fazendo o papel do pé do leito, nota-se a presença de uma imagem do deus Bes. As cenas em

camas elaboradas seguem os mesmos padrões das cenas de mulheres em camas, com o diferencial destas retratarem móveis ricamente adornados.

As cenas em quiosques apresentam pequenas construções geralmente erguidas do lado de fora das moradias, conforme exemplifica a Figura 3.



Figura 3 – Cena em quiosque – Reino Novo - Louvre E 2533
Ilustrado pela autora

No exemplo nota-se a representação de uma mulher sentada com uma criança no colo e outra mulher em pé segurando um frasco de kohl e um espelho de mão. Além disso é possível perceber na imagem a existência de uma coluna no sentido vertical e outra no sentido horizontal que juntas formam uma estrutura semelhante a um pergolado por onde pendem plantas trepadeiras.

Backhouse notou que as *Scènes de Gynécées* seguem padrões bem definidos com elementos que se repetem nas cenas. Dentro destes moldes destaca-se a presença do deus Bes, frequentemente

representado sob uma aparência que flutua entre cômica e feroz (BACKHOUSE, 2020, p. 65). Por se tratar de um deus de cunho doméstico, relacionado à proteção das crianças, das mulheres e do parto, suas constantes aparições nas cenas que retratam as vidas íntima das senhoras da casa é facilmente justificada. Suas imagens também se fazem presentes em murais de residências não só na cidade de Deir el Medina como também de Amarna, fato que demonstra sua grande popularidade no espaço doméstico egípcio ao longo do Reino Novo (BACKHOUSE, 2020, p. 66). Outras divindades vinculadas às mulheres e ao parto são Taweret e Hathor. Esta segunda tem sua presença atestada nas *Scènes de Gynécées* através das representações dos espelhos de mão. Danielle Basson propõe que o ato de se olhar nestes pequenos espelhos poderia não só significar um exercício de vaidade, mas também da busca por uma conexão profunda com a deusa (BASSON, 2012, p. 107). Esta análise permite a percepção do considerável papel de Hathor no ambiente doméstico feminino, que juntamente com Bes consolidou-se naquele período como uma deidade de amplo destaque.

As mulheres tatuadas: arte, sensualidade e religião

No dia a dia de Deir el Medina, aquelas que não atuavam como esposas, mães ou servas poderiam ter outras atividades laborais. Conforme aponta Lise Manniche, existem documentos da cidade que relatam a respeito de mulheres que não eram esposas nem mães, mas pertenciam aos *outros*, em uma clara referência à prática de prostituição na vila (MANNICHE, 1987, p. 15). Existia inclusive uma parcela feminina que não desejava filhos, sendo métodos contraceptivos e técnicas de aborto conhecidos e praticados com a utilização de peles de animais e vegetais fermentados como o aipo (GRAVES-BROWN, 2010, p. 60).

A partir deste ponto serão analisados dois óstracos recuperados em escavações na cidade, que contém personagens femininas representadas em situações opostas à vivência doméstica. As dançarinas e musicistas de Deir el Medina são na maioria das vezes representadas com os corpos parcialmente ou totalmente descobertos. A primeira peça (Figura 4) é suporte para uma imagem de uma mulher com cabelos longos e pretos que se apresenta com as palmas das mãos e os pés apoiados no chão. Seu tronco encontra-se inclinado completamente para trás em um movimento acrobático.

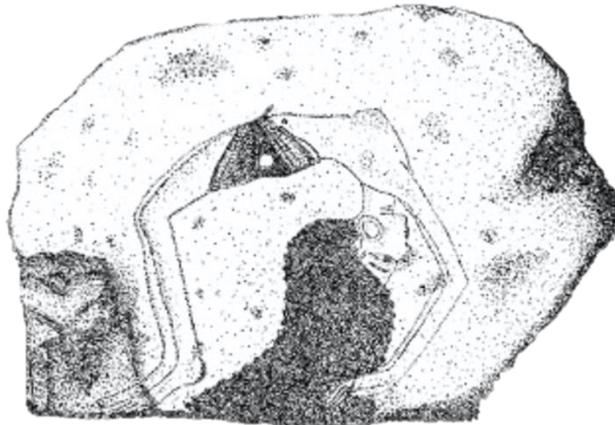


Figura 4 – Bailarina acrobata 1 - Reino Novo – Museu Egípcio de Turim Cat. 7052
Ilustrado pela autora

Embora seu quadril pareça ser envolto por um tipo de lenço, Booth sugere que o desenho possa representar tatuagens, assim como o círculo desenhado na lateral do seu quadril, seja um tipo de escarificação (BOOTH, 2015, p. 68). Por ter sido encontrada em um local de despejo da vila de trabalhadores, é possível que a peça tenha sido produzida para fins de entretenimento ou prática de seu criador, visto o posterior descarte sofrido ainda na antiguidade. Keimer (1948) estudou em meados do século XX, uma múmia do Reino Médio³⁶ pertencente à

³⁶ 2050 – 1710 AEC.

sacerdotisa de Hathor, Amunet. O corpo, datado da XI dinastia, fora escavado na região de Deir el Bahari por volta de 1894. Amunet portava tatuagens em praticamente toda extensão corpórea, com concentrações no colo, braços e ventre. Posteriormente, outras duas múmias pertencentes a duas dançarinas tebanas também da XI dinastia foram analisadas. Estas, além dos desenhos pontilhados encontrados em Amunet, ainda conservavam cada uma, um corte cicatrizado na altura região suprapúbica (KEIMER, 1948, p. 14). Pode-se perceber que o corte abdominal fora realizado apenas nas camadas cutâneas, sem atingir tecidos musculares, numa técnica de modificação corporal. Tais características relacionariam as múmias das dançarinas tebanas do Reino Médio analisadas por Keimer à mulher retratada no desenho de Deir el Medina.

Na Figura 5 observa-se uma mulher posicionada na mesma postura acrobática que a personagem da gravura anterior. Ela possui os seios desnudos, longos cabelos pretos, e um significativo número de adornos pelo corpo. Além da presença de joias é possível notar a existência de pontos tatuados em seu tronco, assim como na coxa esquerda.

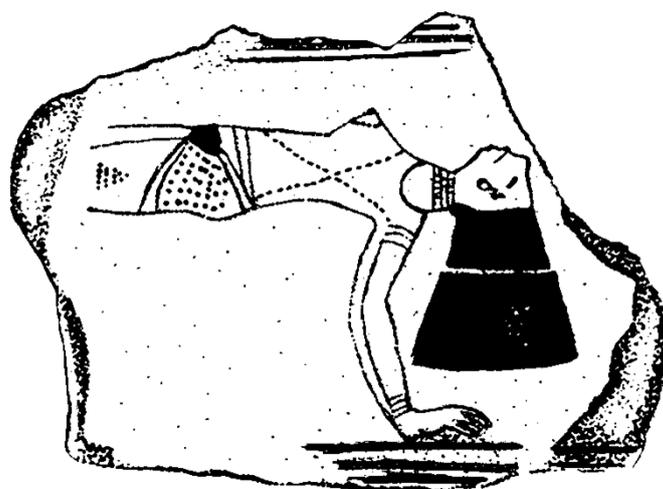


Figura 5 - Bailarina acrobata 2 – Reino Novo – IFAO VA 2868
Ilustrado pela autora

Os esboços dos artesãos de Deir el Medina muitas vezes serviam como blocos de notas onde além dos treinos para reproduções nas tumbas do Vale dos Reis e artes oficiais, igualmente poderiam servir para expor aspectos corriqueiros incluindo os próprios desejos de seus autores (MANNICHE, 1987, p. 17), tais quais as populares modelos *pinups* que ganharam notoriedade durante a Segunda Guerra Mundial, ao decorar os armários dos soldados estadunidenses que eram enviados para a batalha. Meskell reforça esta ideia ao afirmar que: “tais imagens sexualizam e mercantilizam as mulheres por meio de sua construção como sujeitos visuais, sendo esta situação análoga à cultura contemporânea” (MESKELL, 2004, p. 137).

Embora as considerações de cunho sensual sejam pertinentes, é sabido que a prática de dança no Egito Antigo há muito tempo é considerada a mais antiga forma de expressão religiosa e deriva da adoração de uma divindade pré-dinástica que posteriormente fundiu-se a Hathor (BASSON, 2012, p. 17). No que diz respeito às tatuagens, a presença deste tipo de arte cobrindo grande parte do corpo da sacerdotisa de Hathor, Amunet, indica que a prática pode ter sido exercida com um intuito muito mais religioso do que libertino. Bes, outro deus ligado à música, à dança e a demais assuntos da natureza feminina, também é um motivo que aparece com frequência tatuado principalmente nas coxas de mulheres dançarinas retratadas na arte de Deir el Medina.

Em relação às artes corporais, os primeiros arqueólogos ao estudar múmias e objetos contendo referências à prática de tatuagens, ainda no século XIX, atribuíram caráter puramente erótico a tais elementos. De acordo com esta perspectiva, mulheres egípcias tatuadas foram definidas como prostitutas ou artistas saltimbancas, ofícios considerados nesta época, como atividades de cunho

exclusivamente sexual. Conforme aponta Charlotte Booth, se esta análise fosse posta em prática em tempos atuais, possivelmente a interpretação sofreria alterações, visto que a utilização de tatuagens pela sociedade contemporânea nada mais é que uma forma comum de representação de estilo sendo inclusive empregada de forma religiosa por muitos povos, incluindo os egípcios modernos da religião copta que tatuam uma pequena cruz na região dos pulsos (BOOTH, 2015, p. 64). As primeiras figuras ornamentadas que possuem semelhança com a arte dérmica, são modelos em terracota datados do período Naqada³⁷. Tais peças, possuem um aspecto similar a formatos de corpos femininos e são ornamentados por desenhos de animais ou linhas geométricas. Contudo, Keimer aponta a dificuldade em atribuir a estas representações o significado de tatuagens, visto que não foram encontrados restos humanos deste período que ratifiquem esta teoria (KEIMER, 1948, p. 1). Quanto aos indícios de múmias tatuadas, as primeiras que se têm notícia são provenientes do Reino Médio. Estas em sua extensa maioria, são corpos de indivíduos do sexo feminino. Fato é que as mais habituais representações de tatuagens femininas são encontradas em peças feitas em cerâmica ou faiança conhecidas como *noivas dos mortos*.

Equivocadamente interpretadas pelos primeiros egiptólogos como concubinas projetadas para garantir o prazer sexual dos homens mortos no além-vida, sua funcionalidade atualmente atribui-se a um tipo de amuleto de fertilidade e regeneração (KAMAL, 2016, p. 10). Estas estatuetas comumente pertencentes ao enxoval funerário de homens, mulheres e crianças, são imitações de corpos femininos nus com pequenos seios e quadris proeminentes. Uma característica comum

³⁷ Período pré-dinástico que se estendeu aproximadamente entre os anos de 4000-3000 AEC. Situado entre o Neolítico e a Idade do Bronze, ao longo de uma era também conhecida como Idade do Cobre.

nestes elementos, é a frequente aparição de pontos, linhas e losangos traçados principalmente nas regiões do abdômen, coxas e pelve.

Sendo assim, é possível afirmar que nem todas as mulheres egípcias tatuadas ocupavam-se de funções artísticas relacionadas ao entretenimento ou às práticas sexuais (BOOTH, 2015, p. 72), sendo esta assertiva aplicável também para as moradoras da vila de artesãos.

Considerações finais

As inúmeras representações iconográficas recuperadas em Deir el Medina permitem de forma excepcional a reconstrução do cotidiano das pessoas comuns que ali viveram. Sob um ponto de vista que não foca na suntuosidade dos Faraós, tampouco nas preparações para o além-túmulo, sem excluir por completo estes conceitos, o olhar sobre um contexto rotineiro enfatiza amplamente o aspecto humano de uma comunidade que floresceu há milênios. Graças aos milhares de óstracos recuperados em escavações na vila de artesãos, tornou-se mais fácil reconstituir o modo de vida na cidade, incluindo os hábitos mais triviais de seus moradores e moradoras.

Acerca das mulheres de Deir el Medina, no âmbito doméstico, a intimidade das *senhoras da casa* foi expressa através de desenhos que estampam a vida com os filhos e sua conexão com os deuses, através de objetos que remetem ao culto caseiro de Hathor e Bes, divindades que possuem grande relevância entre as esposas da elite, devido ao seu relacionamento com a fertilidade e o parto. Estas divindades, por também atuarem no campo da música e da dança, são alvo de devoção das mulheres envolvidas com as artes performáticas. Embora as artistas sejam comumente descritas de forma divergente às mães e esposas, inclusive iconograficamente, seja portando tatuagens e na maioria das vezes nuas, é prudente evitar comparações culturais sob o

ponto de vista da sociedade contemporânea, visto que os antigos egípcios possuíam diferentes formas de interpretar tais atividades e construções acerca de sexo e gênero variam de acordo com a época e a sociedade alvo de estudo. Um exemplo disto é a presença de tatuagens em múmias de mulheres ligadas às práticas religiosas e a utilização da figura do corpo feminino nu não só como uma representação de sensualidade, mas também como um amuleto de fertilidade. Não obstante, apesar desta interpretação, deve-se considerar também a existência na sociedade egípcia do sexo como forma recreativa, visto que técnicas contraceptivas eram conhecidas e praticadas.

Fica evidente como a cidade de *Set Maat* possuía uma ampla relevância cultural, assim como usufruía de extensa diversidade social, embora no geral seus moradores do sexo masculino realizassem atividades pré-definidas que giravam em torno do mesmo fim: as construções das tumbas dos chefes de estado.

REFERÊNCIAS

A) Documentação

BASE des Collections du Musée du Louvre. **Louvre**, 2021. Disponível em: <<https://collections.louvre.fr/>> Acesso em: 20 dez. 2021.

COLLEZIONI online Museo Egizio. **Museo Egizio**, 2021. Disponível em: <<https://collezioni.museoegizio.it/>> Acesso em: 15 dez. 2021.

D'ABBADIE, J. V. **Catalogue des ostraca figurés de Deir el Mèdineh**. Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale, v. I-III, 1937.

OSTRACA. **Institut Français d'archéologie Orientale - Le Caire**, 2021. Disponível em: <<https://www.ifao.egnet.net/bases/archives/ostraca/>> Acesso em: 1 dez. 2021.

B) Bibliografia geral

BACKHOUSE, J. **Scènes de Gynécées - Figured Ostraca from New Kingdom Egypt: Iconography and Intent**. Oxford: Archaeopress, 2020.

- BASSON, D. **The Goddess Hathor and the Women of Ancient Egypt**. Stellenbosch: Dissertação de Mestrado University of Stellenbosch, 2012.
- BOOTH, C. **In Bed With Ancient Egyptians**. Gloucestershire: Amberley Publishing, 2015.
- BRIERBIER, M. **The Tomb Builders of the Pharaohs**. Cairo: The American University in Cairo Press, 1982.
- CERNÝ, J. **A Community of Workmen at Thebes in the Ramesside Period**. Cairo: Institut Français D'Achéologie Orientale, 1973.
- CERNÝ, J. The Will of Naunakhte and the Related Documents. **The Journal of Egyptian Archaeology**, London, v. 31, p. 29-53, 1945.
- FERREIRA, A. **The Legal Rights of the Women of Ancient Egypt**. Pretoria : Dissertação de Mestrado Univeristy of South Africa, 2004.
- GRAVES-BROWN, C. **Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt**. London: Bloomsbury, 2010.
- KAMAL, S. M. Brides of the Dead in Ancient Egypt. **Minia Journal of Tourism and Hospitality Research**, Minia, Junho 2016.
- KEIMER, L. **Remarques sur le Tatouage dans L'Égypte Ancienne**. Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1948.
- MANNICHE, L. **A Vida Sexual no Egito Antigo**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- MCDOWELL, A. G. **Village Life in Ancient Egypt: Laundry Lists and Love Songs**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- MESKELL, L. An Archaeology of Social Relations in an Egyptian Village. **Journal of Archaeological Method and Theory**, Setembro 1998. 209-243.
- MESKELL, L. **Archaeologies of Social Life: Age, Sex, Class et cetera in Ancient Egypt**. Cornwall: Blackwell Publishers Ltd, 1999.
- MESKELL, L. **Private Life in New Kingdom Egypt**. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- NIELSEN, N. The Rise of the Ramessides: How a Military Family from the Nile Delta Founded One of Egypt's Most Celebrated Dynasties. **American Research Center in Egypt**, 2019. Disponível em:

<<https://www.arce.org/resource/rise-ramessides-how-military-family-nile-delta-founded-one-egypts-most-celebrated>>. Acesso em: 5 março 2022.

ROBINS, G. **Women in Ancient Egypt**. London: British Museum Press, 1993.

WATSON, P. J. **Costume of Ancient Egypt**. New York: Chelsea House, 1987.